

Um panorama da escrita do *punk* na primeira década do século XXI: a valorização da diferença¹

A panorama of the punk writing in the first decade of the 21st century: the valorization of the difference

Tiago de Jesus Vieira

Universidade Estadual de Goiás – Campus Iporá
tiago.vieira@ueg.br

Resumo

As transformações ocorridas na primeira década do século XXI, nas conjunturas global e nacional, impuseram significativas mudanças na sociedade brasileira, repercutindo, inclusive, nas universidades, em especial, pelo considerável aumento nos programas de pós-graduação e linhas de pesquisa, que influíram na variabilidade e amplitude das pesquisas realizadas por aqui. Em meio a esse cenário, inevitavelmente houve significativas transformações no modo como os pesquisadores estabeleceram sua retratação acerca do *punk* no território nacional. Nessa perspectiva o presente artigo visa elucidar quais as principais tendências puderam ser vislumbradas nestes trabalhos acadêmicos.

Palavras-chave: Punk. Identidade. Diferença.

Abstract

The transformations that took place in the first decade of the 21st century, in the global and national conjunctures, imposed significant changes in Brazilian society, including, in universities, in particular, the considerable increase in postgraduate programs and lines of research that influenced in the variability and amplitude of the research carried out here. In this scenario, there have inevitably been significant transformations in the way researchers have established their portrayal of punk in national territory. From this perspective the present article aims to elucidate what the main trends could be seen in these academic works.

Keywords: Punk. Identity. Difference.

¹ Este artigo sintetiza o panorama da escrita sobre o punk na primeira década do século XXI, parte integrante do terceiro capítulo da tese de doutorado: VIEIRA, Tiago de Jesus. **O futuro do “sem futuro”**: uma análise da escrita sobre o *punk* no Brasil e suas construções identitárias (1982 – 2010). 2017. 266p. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Mato Grosso – Programa de Pós-Graduação em História, Cuiabá, 2017.

Introdução

O sociólogo Zygmunt Bauman anunciou que a sociedade ingressante no século XXI não era menos “moderna” que aquela que adentrou o século anterior, apenas diferente. Pois, a “verve” da modernidade se preservou integralmente, à medida que sua principal característica corresponde a “compulsiva e obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta modernização; a opressiva e inerradicável, insaciável sede de destruição criativa” (2001, p. 36 – 7). No entanto, dois aspectos em especial tornam a modernidade do século XXI, compreendida pelo autor como líquida, distinta daquela vivenciada no século anterior: 1) A **descrença** coletiva quanto ao futuro; 2) A fabricação cada vez mais exacerbada do **individualismo**, inclusive, legitimada pelo estado e pelo sistema econômico.

Assim, em linhas gerais, as principais características desses novos tempos, embora, ainda remetam a “natureza” da modernidade, também apresentavam efeitos de novidade.

Dessa forma, por mais que o mundo adentrara o século XXI vivenciando a intensificação da interdependência econômica no panorama global, bem como a cada vez mais constante imposição de bens culturais irradiados a partir do centro do sistema capitalista, que “agora” se espalhavam mais rapidamente em função da internet. Em contrapartida, diferentemente do que se anunciava na década anterior, não houve a efetiva imposição do global sobre o local, ao contrário, a primeira década do terceiro milênio foi fortemente marcada pela incidência de fluxos contra-hegemônicos nas mais diversas direções, como comprovam os acontecimentos de 11 de Setembro de 2001.

Ademais, Georg Iggers ressalta que “a globalização não levou, de modo algum, à homogeneidade, muito menos no sentido econômico”. Entretanto, a “economia global trouxe consigo mudanças nos comportamentos de consumo no esteio de tradições, hábitos e concepções de vida regionais” (2010, p. 121). Além disso, o inegável crescimento econômico de países como a China e Índia, contribuíram para que inevitavelmente o fluxo da globalização também fosse minimamente alterado.

A despeito disso, no panorama nacional, o Brasil iniciou a referida década relegado ao mesmo patamar de nação periférica no jogo globalização, *status* que

desfrutava desde a década anterior, quando houve o avanço das investidas neoliberais nos governos de Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso.

Cenário esse que não se modificou nem mesmo a ascensão do Partido dos Trabalhadores ao poder, com a eleição em 2002 de Luiz Inácio Lula da Silva a presidência do país, como destacou Perry Anderson ao pontuar que a chegada de Lula à presidência não trouxe, num primeiro momento, efetivas transformações na estrutura social, ao contrário, num primeiro momento o principal objetivo desse governo foi restaurar a confiança dos investidores, por meio da elevação das taxas de juros e cortes nos investimentos públicos “para atingir um *superavit* primário maior do que o próprio FMI havia recomendado. Para os cidadãos, os preços e o desemprego subiram enquanto o crescimento caiu pela metade”. Tais medidas significaram um “amargo remédio para os militantes [e] foi o nectar dos que possuíam títulos da dívida pública [pois] o fantasma do calote havia sido banido” (2011, p. 24).

Essas ações observadas ao longo do período de 2002 a 2010 evidenciaram uma estabilidade econômica que permitiu a retomada de investimentos. Entretanto, o fator econômico mais decisivo para o Brasil, “foi a ascensão da China como potencia econômica de compensação, o principal mercado para suas duas principais exportações, soja e minério de ferro, e o sustentáculo de sua balança comercial” (ANDERSON, 2011, p. 51). Nessa linha, o comércio brasileiro se tornou cada vez mais dependente do agronegócio e da mineração. De modo que, “entre 2002 e 2009, a participação dos produtos manufaturados nas exportações brasileiras caiu de 55% para 44%, enquanto a das matérias-primas subiu de 28% para 41%⁴⁵” (2011, p. 48). Por outro lado, no contra-fluxo desse processo compreendido como de “desenvolvimento” econômico, “no campo, o desmatamento de vastas áreas para o estabelecimento do agronegócio [deixando] a concentração latifundiária ainda maior do que era há meio século” (2011, p. 37 - 8).

Esse cenário, gradativamente, trouxe uma inegável contribuição para a melhora nas condições materiais de vida da população brasileira, sobretudo, em decorrência de sucessivos e substanciais aumentos do salário mínimo, registrando elevação na ordem de 50% entre 2005 e 2010 (ANDERSON, 2011, p. 29). Tal cenário acompanhado pela expansão do crédito que “engendraram não apenas um crescimento sustentado do

consumo popular, mas também uma expansão do mercado interno que, finalmente, depois de uma longa seca, propiciou a criação de mais empregos”.

Todo esse quadro de crescimento econômico mais rápido, combinado com a mais ampla distribuição fez com que houvesse a maior redução na pobreza na história brasileira. Perry Anderson atribui metade dessa transformação ao crescimento, e outra metade aos programas sociais introduzidos pelo governo (ANDERSON, 2011, p. 29). Nesse processo 25 milhões de brasileiros também ascenderam à classe média (2001, p. 38), tal fator que segundo o referido autor inevitavelmente gerou um sentimento de revolta por parte da classe média contra o presidente. Processo esse compreendido da seguinte forma:

A razão para a hostilidade direcionada a Lula por esse estrato social não foi à perda de poder efetivo, algo que essa classe média nunca teve, mas de *status*. Não apenas o presidente era agora um ex- operário sem instrução, cuja gramática surrada já era lendária, mas sob seu governo empregadas domésticas, porteiros e trabalhadores braçais, de fato, praticamente toda extração da rale, estavam agora adquirindo bens de consumo até então privilégio dos instruídos, e mesmo adquirindo orgulho em seu dia a dia. Para boa parte da classe média, tudo isso, os irritava profundamente: a ascensão de sindicalistas e funcionários significava que eles estavam sendo rebaixados. (2011, p. 37)

Essas transformações nas estruturas econômica e social vivenciadas no Brasil, ao longo dessa década, também se repercutiram na expansão do acesso ao ensino superior, conforme indica o estudo realizado por Aparecida da Silva Xavier Barros (2015) entre 2001 a 2010 houve um crescimento global de 110% no total de matrículas realizadas nas universidades. Ao passo que a rede federal registrou um aumento na ordem de 85,9% na oferta de vagas.

Embora, seja inegável a evolução relativa ao acesso ao ensino superior alavancada, sobretudo, pela expansão da rede privada, “a taxa de escolarização líquida da população brasileira de 18 a 24 anos [ainda continuou sendo] baixa: 14,4%”, cabendo destacar que, dessas vagas apenas 26% são geradas no setor público (BARROS, 2015, p. 362).

A expansão do ensino superior inevitavelmente também demandou uma elevação na oferta de vagas em curso de pós-graduação, de ordem, *stricto sensu*. Nesse sentido, de acordo com pesquisa empreendida por Claudia Cirani, Milton Campanario, Heloisa Silva (2015, p. 170), tomando como referência os dados da Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) houve no Brasil, entre o período entre 1999 e 2011, um aumento de 71,5% na oferta de cursos de mestrado e 100,8% em doutorados.

O mesmo estudo observou, quantitativamente, que essa evolução no volume dos programas de pós-graduação brasileiros, também ocasionou um processo de descentralização destes cursos que, anteriormente, estavam aglutinados quase que hegemonicamente na região Sudeste. Dessa maneira, nesse período foi notada uma elevação de (441,7%) desses cursos na região Norte, (229,7%) no Centro-Oeste, 210,2%) no Nordeste e (154,1%) no Sul (CIRANI, 2015, p. 173).

Ademais, no tocante as áreas do conhecimento essa pesquisa constatou que as áreas que apresentaram maior crescimento foram Multidisciplinar (1083%), Ciências Sociais e Aplicadas (204,7%) e Ciências Humanas (145,2%) (CIRANI; CAMPANARIO; SILVA, 2015, p. 175).

Em meio a esse cenário de expansão da pós-graduação brasileira, notavelmente acompanha-se um notável amadurecimento da área de História, conforme enunciou Estevão de Rezende Martins que enfatizou que a organização dos programas através de áreas de concentração, e conseqüentemente sua estruturação através de linhas de pesquisa proporcionou avanço e diversificação dos objetos históricos estudados (2011, p. 211 – 2).

Cabe aqui considerar dois fatores para compreensão da referida diversificação dos objetos de pesquisa pelos historiadores. A notável **interiorização da universidade brasileira**, que, por sua vez, passara a ter maiores condições de privilegiar temas que remetessem a dinâmica regional. Outro fator foi a perceptível **diversificação de postulados teóricos** que gradativamente passaram a ser utilizados pelos historiadores a partir da década de 1990.

Como efeito desse cenário cabe retomar o panorama apresentado por Ciro Flamarion Cardoso, em 1997, ao redigir seu célebre texto “História e paradigmas rivais”, já evidenciava o avanço do dito paradigma pós-moderno em contraste a modelos tradicionalmente utilizados pelos historiadores brasileiros. Além disso, no mesmo período Margareth Rago (1995, 1999) em dois artigos também enunciava a emergência de uma nova historiografia brasileira, motivada especialmente pelo efeito Foucault sobre essa produção.

Em complementariedade, a esse panorama historiográfico, Georg Iggers destaca que “depois de 1990, as teorias explicativas do sistema mundial de fundamentação marxista saíram de moda como as teorias anti-marxistas de modernização; todavia, ambas sobreviveram, ainda que de maneiras distintas” (2010, p. 114). Contudo, em função dos novos dilemas e problemáticas que eram colocadas pelas, cada vez mais, evidentes tensões decorrentes do processo de globalização e seus impactos no panorama regional, fazendo com que emergissem uma nova leva de estudos que rechaçavam as teorias totalizantes de explicação da realidade. Nesse cenário destacaram-se os estudos produzidos a partir do mundo não-ocidental, com destaque para os de dimensão pós-colonial². Esses estudos, em síntese, propuseram o estabelecimento de uma “mudança dos efeitos de diferentes concepções e tradições de ciência nas diferentes culturas”, dessa maneira, aceitando “parcialmente as ideias ocidentais, mas [as alterando] ou nelas inseri[ndo] abordagens históricas alternativas oriundas de suas próprias tradições” (2010, p. 121).

Aqui no Brasil, esse cenário de expansão do acesso ao ensino superior e aos programas de pós-graduação, em concomitância com a eminente ampliação de paradigmas nas ciências humanas, direta ou indiretamente contribuíram para a expansão dos estudos relativos à juventude.

Panorama esse aparentemente evidenciado no estudo bibliométrico³ empreendido por Maria Cristina Hayashi, Carlos Roberto Hayashi e Cláudia Maria Martinez, que ao observarem a produção de pesquisas relativas aos jovens entre 1989 a 2006, constataram que nos anos de 2000 e 2006, houve um crescimento na ordem de 83,3% em relação ao período anterior (2008, p. 141 – 2).

Nesse mesmo panorama os autores evidenciaram que ao longo de todo o período estudado foram empreendidas 84 pesquisas relativas à juventude nos programas de pós-graduação *stricto sensu* brasileiros, destacando-se enquanto campo de maior concentração de investigação a área de Educação com 33 trabalhos, seguido por Sociologia com 16, Ciências Sociais 07, Antropologia 05, Serviço Social 04, Psicologia

² O pós-colonialismo se constituiu enquanto uma perspectiva teórica que busca analisar a fabricação discursiva de postulados que expressam superioridade e subalternidade a partir das relações poder historicamente constituídas no contexto global.

³ A pesquisa bibliométrica tem por finalidade mapear a produção científica a partir de áreas ou temáticas, buscando traçar um panorama quantitativa do conhecimento de determinado campo de estudo, num determinado período, esse tipo de investigação recorrentemente é utilizado em auxílio a pesquisas de estados da arte, a fim de estabelecer indicadores da referida produção científica.

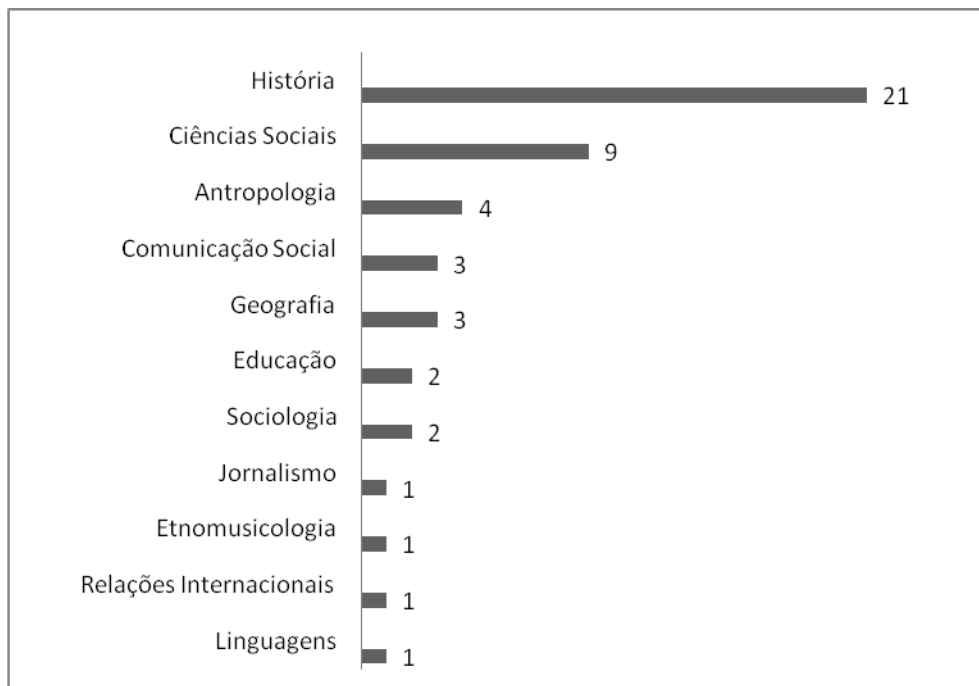
04, Saúde Coletiva 03, Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais 03, História 02, além de outros 07 campos do conhecimento com uma pesquisa cada.

Um salto na escrita do *punk* no período

É importante ressaltar que a abordagem bibliométrica, por vezes, não capta as investigações que se articulam indiretamente com o tema, pois esse tipo de investigação se baseia na utilização de palavras-chave para busca, no caso em questão valeram-se das palavras: “juventude; jovens; transição para a vida adulta; jovens e vida adulta; trajetória de jovens” (HAYASHI; HAYASHI; MARTINEZ, 2008, p. 140). Assim, pesquisas relativas ao *punk*, bem como outras coletividades notadamente juvenis não foram computadas nesse quadro.

Entretanto, no que concerne as investigações que direta ou indiretamente se relacionam com o tema *punk*, o aumento no número de investigações foi ainda mais expressivo, quando se compara o número de trabalhos monográficos (trabalhos de conclusão de cursos e/ou monografias, dissertações, teses e livros) produzidos na década de 1990 (1991 – 2000) com a década seguinte (2001 – 2010). Uma vez que, o período anterior registrou em seu total a ocorrência de 09 trabalhos monográficos, ao passo que nos dez anos seguintes foram contabilizados 28 (trabalhos de conclusão de cursos e/ou monografias), 17 (dissertações), 03 (teses), 06 (livros) totalizando 54 pesquisas sobre o tema *punk*, registrando, assim, um aumento de 488,88% no período.

Nesse sentido, exceto os 06 livros, que expressam interesses diversos, contabilizam-se 48 são trabalhos monográficos produzidos no bojo das universidades no período, esses que estão distribuídos por área do conhecimento da seguinte forma:



Quadro 01: Referente à distribuição por área do conhecimento dos trabalhos monográficos relativos ao tema “*punk* no Brasil”, produzidos entre 2001 e 2010.

A observação dos dados contidos nessa tabela permite evidenciar em primeira instância o predomínio da área de História concentrando 43.75% dos estudos realizados no período, ao passo que na década anterior havia sido registrado apenas 01 trabalho dessa dimensão na referida área, “*Punk: cultura subversiva e protesto, as mutações ideológicas de uma comunidade subversiva – São Paulo 1983/1996*” de Rafael Lopes de Sousa (1997). Tal cenário enuncia a evidente abertura do referido campo aos ditos novos temas e novas abordagens. Pois, se num primeiro momento, décadas de 1980 e 1990, o tema não despertava a atenção dos historiadores, posteriormente, na primeira década do século XXI, já colocava como área do conhecimento majoritária no tocante a estudos relativos ao *punk*. Mesmo cenário que aparentemente se repercutiu nas Ciências Sociais, Antropologia e Sociologia, que, embora, já produziam desde as décadas anteriores alguns poucos trabalhos, também vivenciaram a partir de 2001 um significativo salto no volume de produção.

Esses dados também permitem evidenciar a emergência do interesse pelo tema *punk* por “novas” áreas do conhecimento como: Geografia (pesquisas centradas especialmente no aspecto da territorialização, buscando, dessa maneira, compreender a construção social do espaço pelos *punks*) (TURRA NETO, 2001, 2008; PENTEADO, 2008); Educação (atentando-se especial a construção e difusão de saberes inerentes as

coletividades *punk*) (GONÇALVES, 2005; PEREIRA, 2005); Etnomusicologia (objetivando compreender como a articulação irradiada por meio da música possibilitou novas experiências de vivência) (WHEELER, 2004); Relações Internacionais (destinando-se a compreensão dos rearranjos dos signos importados adaptados a realidade brasileira) (GONÇALVES, 2006); Linguagens (com a manifesta preocupação de perceber com o corpo do *punk* produz significações em suas práticas cotidianas) (SANT'ANA, 2009).

Por meio dessa quantificação dos estudos relativos ao tema *punk*, realizados no período, por meio do método bibliométrico também se tornou possível observar a distribuição geográfica, tendo como referência o local de produção dos trabalhos.

Instituição	Trabalhos	Região
UEG (1); UFG (1); UFMS (1); UFMT (1); UNB (1); UniCEUB(1)	06	CO
UFPA (3)	03	N
UFPB (3); UFPE (1); UFRN (1); UNIFLOR (1); UEPB (1); UECE (1); UFCG (1); UNICAP (1); FUNESO (1)	11	NE
UEL (2); UFRGS (1); UFSC (1); UTP (1); UNICENTRO (1); UNIOESTE (1); UFPR (1); UDESC (1); PUC - Uruguaiana (1)	10	S
PUC/SP (5); UNESP (3); UFRJ (2); USP (2); UFU (2); UNAR (1); PUC - Campinas (1); UNICAMP (1)	17	SE
UCLA - <i>University of California, Los Angeles</i> (1)	01	Exterior
Total	48	

Quadro 02: Referente à distribuição por instituição de ensino superior e concentração regional de trabalhos monográficos relativos ao tema “*punk* no Brasil”, produzidos entre 2001 e 2010.

Esses dados ainda evidenciam predomínio das pesquisas relativas ao tema *punk* tendo como principal palco para o seu desenvolvimento a região sudeste totalizando 17 pesquisas, domínio que também se estende ao estado de São Paulo que contemplou 13 investigações. No entanto, embora tenha se registrado uma elevação no volume de produção dos trabalhos no sudeste e no estado de São Paulo, quando observado esses dados em contrastes com o restante do quadro e com os dados da década anterior, claramente se observa a perda de patamar do estado e da região, que praticamente hegemonizaram a produção de trabalhos monográficos temáticos nas décadas de 1980 e 1990.

Nessa linha, também torna-se perceptível a expansão do assunto por todas as regiões do país, registrando 11 estudos empreendidos no nordeste, 10 sul, 06 no centro-oeste e 3 norte do país. Tal cenário claramente repercute a evidente expansão dos cursos

de graduação e pós-graduação, bem como sua interiorização no Brasil no período, como desvela os dados já apresentados.

No tocante a concentração por instituição, tais dados conferem a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo o *status* de lugar privilegiado para realização de pesquisas referentes ao *punk* brasileiro, sendo que, muito disso deve-se a criação nesse período do “acervo sobre o movimento *punk*” no CEDIC (Centro de Documentação e Informação Científica Prof. Casemiro dos Reis Filhos) localizado na referida instituição, servindo, assim, como proeminente base de dados para elaboração de uma nova leva de estudos do *punk*.

Contudo, embora a PUC de São Paulo tenha se destacado com o desenvolvimento de 05 trabalhos dessa dimensão, pode-se evidenciar ao longo do período um claro predomínio das instituições públicas que registraram 33 investigações, ao passo que as privadas contabilizaram apenas 13 estados realizados.

Torna-se notável também o empreendimento de uma pesquisa na UCLA (*University of California, Los Angeles*) “*Dark matter towards an architectonics of rock, place, and identity in Brasília's utopian underground*” de autoria de Jesse Samba Samuel Wheeler (2007), envolvendo indiretamente o tema *punk* na capital federal.

Cabe ainda observar a quantificação por região levando em consideração o local explorado na pesquisa.

Região abordada no trabalho	Trabalhos
Centro Oeste	05
Norte	03
Nordeste	12
Sul	11
Sudeste	10
Amplitude nacional	07
Total	48

Quadro 03: Referente à distribuição por região de abordagem dos trabalhos monográficos relativos ao tema “*punk* no Brasil”, produzidos entre 2001 e 2010.

Como indicam os dados, nota-se um novo cenário no tocante a pesquisas relativas ao tema *punk* no Brasil, sendo possível observar a amplitude geográfica dessas pesquisas que passaram a contemplar todas as regiões brasileiras. Nesse sentido, diferentemente do que ocorrera nas décadas anteriores em que os trabalhos limitavam-se, especialmente, a compreensão das articulações *punks* no sudeste, a partir de 2001 percebe-se uma clara inversão nesse fluxo, no qual o nordeste passou a ser o principal

foco de investigação dessas novas pesquisas, contingenciando um total de 12 estudos, sendo seguido pela região sul que foi alvo de 11 análises.

Além disso, esse quadro também serve como ponto de partida para elucidação das tendências temáticas de investigação que foram mais recorrentes no período. Dessa maneira, é possível focalizar, com destaque, dois principais pontos de convergência ao longo da década, dispondo-se da seguinte forma: 1) Abordagens com amplitude nacional com finalidade reinterpretação da história do *punk*; 2) Trabalhos com preocupação regional buscando compreender o *punk* a partir de sua inserção no panorama regional.

Esses pontos de convergência capazes de aglutinar hegemonicamente a produção que direta ou indiretamente analisou o tema *punk* na primeira década do século XXI, por sua vez, merecem ser compreendidos detalhadamente por expressarem as principais tendências do período, bem como indicarem os pontos de inovação e/ou revisão desses estudos.

As abordagens de amplitude nacional e seu caráter reinterpretação da história do *punk*

Nesse sentido, um dos principais pontos de articulação que se colocou entre os trabalhos desenvolvidos no período entre 2001 e 2010, foi a preocupação encontrada em alguns trabalhos de estabelecer abordagens cronológicas, com ênfase em trazer novos olhares acerca da história do *punk* no Brasil, objetivando, assim, uma revisão crítica acerca desse passado.

Esse leque de pesquisas se apoiou primordialmente no uso analítico de novas fontes de pesquisa, que passaram a ser, cada vez mais, exploradas, em função da iminência de novas técnicas de análise, que, por seu turno, permitiram suscitar novos pontos de compreensão para alguns aspectos que não haviam sido explorados com tamanha propriedade nas décadas anteriores.

Destaca-se, nesse período e com essa finalidade, o livro “Os *fanzines* contam uma história sobre *punks*” de Antônio Carlos de Oliveira (2006), as dissertações de mestrado de Aldemir Leonardo Teixeira (2007) “O movimento *punk* no ABC paulista” e de Daniela Lemes Canhête (2004) “Ecos Do Subterrâneo: A Questão da Juventude e do Movimento *Punk* como Subcultura - A Década de 80” e o trabalho de conclusão de

curso “Cultura e vida social: discurso e crítica social nas músicas *hardcore* (Brasil, 1990-2005)” de autoria de Roberto Camargos de Oliveira (2008). Além desses, também cabe ressaltar o livro *Punk* de autoria de Ricardo Alexandre (2004), desenvolvido como encomenda pela revista Super Interessante, para compor a coleção “Para Saber Mais”, constituindo-se como uma obra, que, embora, não tenha trazido resultados inovadores, pode ser compreendida como a investigação de maior repercussão no período em função do alcance das publicações da editora Abril.

Ademais, em função do impacto alcançado por essas investigações cabe explorar sucintamente os principais pontos contemplados nessas investigações, a fim de observar suas contribuições de destaque no tocante ao *punk* nacional.

Além dos trabalhos supracitados com a expressa busca por estabelecer uma observação a respeito do passado das coletividades *punks* também se inserem pesquisas com menor repercussão que procuraram explorar diversas as dimensões intersecção do *punk* com o meio social, como sua dimensão política (BRECHOTI, 2010; OLIVEIRA, 2010), contracultural (BRIANO, 2010; OLIVIA; MONDINI, 2007) e sua retratação pela imprensa (VASCONCELOS, 2009).

Ademais, com finalidade histórica/analítica acerca do *punk* no Brasil não se pode deixar de destacar o celebre artigo “Por uma historiografia do *punk*”, publicado na revista “Projeto História” no ano de 2010, pela historiadora Ivone Cecília D’Avilla Gallo. Nessa investigação a autora enunciava a necessidade de produção de balanços historiográficos sobre o tema evidenciando que esses poderiam contribuir tanto a compreensão dos elementos que contemplam a representação do *punk*, quanto para a diminuição de problemas enfrentados no ato da pesquisa.

Embora a autora não tenha mapeado todos os trabalhos empreendidos até aquele momento sobre o tema *punk*, inclusive reconhecendo a dificuldade de tal empreendimento, procurou estabelecer um panorama inicial acerca dos trabalhos com maior “repercussão e/ou difusão”, enfatizando os referenciais teóricos com que cada pesquisador procurou dialogar de forma mais incisiva, bem como explicitar as técnicas de pesquisa por eles apreendidas. Configura-se como uma excelente e inovadora investigação a respeito do tema *punk*.

Essa pluralidade de investigações com finalidade histórica de cunho analítico evidenciam a proficuidade e pluralidade dos empreendimentos desenvolvidos com tal

finalidade nesse período, evidenciando essa “volta ao passado” com uma tendência, a fim de desvelar novos elementos do “universo” *punk*, que anteriormente poderiam ter passado de forma despercebida pelos pesquisadores.

A preocupação com o regional: um novo/velho modo de estudar o *punk* no Brasil

Também se apresentou na forma de tendência entre os estudos destinados à compreensão do tema *punk*, a perspectiva de atenção à inserção do *punk* na dinâmica daquela localidade ou região. Cabe ressaltar que, embora, essa fosse uma tendência empreendida desde os primeiros estudos, a dimensão que fora hegemônica nas décadas 1980 e 1990 circundou o eixo Rio-São Paulo. Em contrapartida, na primeira década do século XXI se evidenciou uma verdadeira eclosão de estudos dessa ordem, que passaram a se multiplicar por todo país. Como efeito disso, entre o período de 2001 a 2010 foram registrados 41 estudos monográficos produzidos dentro das universidades com tal finalidade, dos quais 31 correspondem a investigações para além do eixo Rio-São Paulo.

Esse aumento expressivo desse tipo de pesquisa em regiões que, anteriormente, não apresentavam estudos dessa ordem, pode ser compreendido, especialmente, por meio de dois fatores: 1) Processo de interiorização das universidades brasileiras que passaram a ter uma distribuição mais efetiva no território nacional, por consequência elevando a expansão da pesquisa nessas regiões, contribuindo, assim, para que alguns investigadores passassem a ter maiores condições de produzir investigações com atenção direcionada as particularidades locais e regionais; 2) Aumento da adesão por parte dos pesquisadores de novas tendências de compreensão do social nas ciências humanas, destacando-se perspectivas que se desvincilharam da necessidade de síntese fundamentada em modelos macroestruturalizantes, contribuindo para que temas como *punk* deixassem de ser considerados irrelevantes.

Nessa lógica, não só foi cada vez mais recorrente a emergência de investigações que procuraram compreender a realidade local a partir dos indícios por essa fornecida, do mesmo modo que investigações como as relativas aos jovens deixaram de ser estereotipadas como temas menores e/ou periféricas para ganhar efetivo destaque no panorama nacional.

Tais fatores, em consonância com a massiva difusão do conceito de “identidade” no período, ganhando demasiada força, em especial, com a popularização de livros como “Identidade cultural na pós-modernidade” de Stuart Hall (2005), “Identidade e diferença” (2009) coletânea organizada por Tomaz Tadeu da Silva, o célebre “Identidade” de Zygmunt Bauman (2005) e outros livros que passaram a surgir destinados a esse tema. A isso se soma a popularização tardia de livros, que haviam sido produzidos nas décadas anteriores, mas que só passaram a ser massivamente explorados no período, com destaque para a obra de Michel Maffesoli “Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa” (1983), que teve sua primeira edição brasileira publicada em 1987. No entanto, seu efetivo impacto só foi sentido mais de uma década depois.

A concretude desses aspectos imprimiram uma verdadeira revolução quantitativa e qualitativa em investigações dispostas a analisar as particularidades de coletividades juvenis como o *punk*. Nesse novo quadro, cidades que anteriormente eram periféricas no panorama das investigações sociais, passaram a ser contempladas em investigações sobre o *punk*.

Foi possível focalizar investigações dessa ordem em todas as regiões brasileiras, que, por sua vez, merecem ser examinadas diante desse novo panorama, a fim de revelar as particularidades decorrentes do *punk* nesses novos espaços.

Algumas considerações

Ao longo da primeira década do século XXI, o Brasil vivenciou uma série de transformações com destaque aos aspectos social e econômico, ocasionando, dentre outras coisas, uma notável expansão do acesso ao ensino superior.

Esse cenário de crescimento da universidade brasileira também ocasionou, sobretudo no panorama da pós-graduação, uma expressiva descentralização do eixo Rio-São Paulo, que veio em concomitância com a crescente diversificação de postulados teóricos nas ciências humanas. Conferindo, assim, um novo panorama para os estudos relativos à juventude, e, especialmente, para investigações que direta ou indiretamente abordaram o tema *punk*, que, por seu turno, registrou um crescimento de 488,88% no período.

Entre os estudos sobre o *punk* destacaram, sobretudo, as investigações pautadas em estabelecer uma revisão crítica acerca da história do *punk* no Brasil, bem como as pesquisas que direcionaram seu foco para inserção do *punk* em novos territórios como Brasília, Belém, Campina Grande, Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, Guarapuava, Ilha Solteira, João Pessoa, Londrina, Natal, Porto Alegre, Recife, Ribeirão Preto e Uruguaiana.

Observando esse novo cenário das investigações relativas ao *punk* na década, permite-se constatar que majoritariamente se empreenderam análises que buscaram questionar os referenciais outrora tidos como “fundantes” do *punk* nacional, seja pela elucidação dos novos modos de utilização desses signos “Brasil a fora” ou pelo empreendimento de releituras analíticas do passado. Nesse contexto também se inserem, ainda que timidamente investigações acerca de grupos “dissidentes” como *Hardcore* (OLIVEIRA, 2008), *Riot Grrrl* (MELO, 2008; RODRIGUES, 2006), *Emos* (RAMOS, 2010) e *Straight Edges* (BAIA, 2008; SOUZA, 2006).

Em concretude o que se evidenciou foi um significativo avanço de perspectivas compreendidas genericamente como pós-modernas (CARDOSO, 1997), que, por seu turno, empreenderam uma efetiva desconstrução dos signos que anteriormente eram compreendidos como “constituidores da verdadeira identidade *punk*”. Tal panorama, por seu turno, claramente evidencia um ligeiro, mais significativo, deslocamento na concepção de sujeito implícita nos estudos relativos ao *punk*, decorrente, principalmente, de um novo panorama que se emerge em relação à pesquisa, na primeira década do século XXI.

Referências

ALEXANDRE, Ricardo. **Punk**. Coleção para saber mais. São Paulo: Abril, 2004.

ANDERSON, Perry. O Brasil de Lula. **Novos estudos**. n. 91, p. 23-52, nov. 2011.

BAÍA, Deylane Corrêa Pantoja. **Straight Edges em Belém: jovens, vegetarianismo, estilos de vida na contemporaneidade**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais), Universidade Federal do Pará, Belém/PA, 2008.

BARROS, Aparecida da Silva Xavier. Expansão da educação superior no Brasil: limites e possibilidades. **Educação e Sociedade**. Campinas. v.36, n. 131, p.361-390, abr./jun. 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRECHOTI, André Renato. **Redemocratização no Brasil e o surgimento do rock nacional**: o Punk como fenômeno. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Centro Universitário de Araras Dr. Edmundo Ulson, Araras/SP, 2010;

BRIANO, Jessica Torres. **O movimento punk**: a formação de uma cena contracultural em 1970 e início de 1980. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR, 2010;

CANHÊTE, Daniela Lemes. **Ecos Do Subterrâneo**: A Questão da Juventude e do Movimento Punk como Subcultura - A Década de 80. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO, 2004.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e paradigmas rivais. In: _____; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 19 – 51.

CIRANI, Cláudia Brito Silva; CAMPANARIO, Milton de Abreu; SILVA, Heloisa Helena Marques da. A evolução do ensino do pós-graduação senso estrito no Brasil: análise exploratória e proposição para pesquisa. **Avaliação**. Campinas; Sorocaba, v. 20, n. 1, p. 163-187, mar. 2015.

GALLO, Ivone Cecília D'Avila. Por uma historiográfica do punk. In: **Projeto História**. São Paulo, n.41, p. 283 – 314, 2010.

GONÇALVES, Hoana Costa. **Dominação e Transgressão**: A relação da violência do movimento punk com a inconformidade com a ditadura militar no Brasil nos anos de 1980 a 1985 – Uma leitura do movimento punk inglês em Brasília. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais), Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília/DF, 2006.

GONÇALVES, Paula Vanessa Pires de Azevedo. **Ser Punk**: a narrativa de uma identidade jovem centrada no estilo e sua trajetória. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005;

PEREIRA, Angélica Silvana. **Somos expressão, não subversão! a gurizada punk em Porto Alegre**. 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2005.

HAYASHI, Maria Cristina; HAYASHI, Carlos Roberto; MARTINEZ, Claudia Maria. Estudos sobre jovens e juventude: Diferentes percursos refletidos na produção científica brasileira. **Educação, Sociedade e Cultura**. n. 27, p. 131-154, 2008.

IGGERS, Georg. Desafios do século XXI à historiografia. **História da historiografia**. Ouro Preto, n. 04, p. 105-124, mar. 2010.

MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.

MARTINS, Estevão de Rezende. Conhecimento histórico e historiografia brasileira contemporânea. **Revista portuguesa de história**, Coimbra/ Portugal, n. 42, p. 197-214, 2011.

MELO, Érica Isabel de. **Cultura Juvenil Feminista Riot Grrrl em São Paulo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2008.

OLIVIA, Daigo; MONDINI, Matheus. **Fodido e Xerocado: Por Favor, Olhe Para Mim! São Paulo**: Augusta Edições, 2007.

OLIVEIRA, Antônio Carlos de. **Os fanzines contam uma história sobre punks**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.

OLIVEIRA, Bruno Pereira. **O movimento Punk e sua resistência à cultura autoritária durante a Ditadura militar no Brasil**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas/SP, 2010.

OLIVEIRA, Roberto Camargos de. **Cultura e vida social: discurso e crítica social nas músicas hardcore (Brasil, 1990-2005)**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2008.

PENTEADO, Rodrigo. **Cena Punk Guarapuavana: novas configurações territoriais**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia), Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuavana/PR, 2008.

RAGO, Margareth. A “nova” historiografia brasileira. Anos 90, Porto Alegre, n.11, p. 73-96, jul. 1999.

_____. **O efeito-Foucault na historiografia brasileira**. Tempo Social, São Paulo, v.7, n. 1-2, p. 67-82, out. 1995.

RAMOS, Paula Francinete. **Emo, o filho bastardo do Punk: análise Antropológica de dois Ethus grupais em Belém do Pará**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais), Universidade Federal do Pará, Belém/PA, 2010.

RODRIGUES, Fernanda Gomes. **O grito das garotas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2006.

SANT'ANA, Ana Paula de. **Punk Labirintos do Corpo: Movimento Punk em Cuiabá**. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá/MT, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 9ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

SOUSA, Rafael Lopes de. **Punk: cultura subversiva e protesto, as mutações ideológicas de uma comunidade subversiva – São Paulo 1983/1996**. 1997. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 1997.

SOUZA, Bruna Mantese de. **Os straight edges e suas relações com a alteridade em São Paulo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2006.

TEIXEIRA, Aldemir Leonardo. **O movimento punk no ABC paulista**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Antropologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

TURRA NETO, Nécio. **Enterrado mas ainda vivo!: Identidade Punk e Território em Londrina**. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita”, Faculdade de Ciência e Tecnologia, Presidente Prudente – SP, 2001.

_____. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes sociabilidade**. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita”, Faculdade de Ciência e Tecnologia, Presidente Prudente – SP, 2008.

VASCONCELOS, Carlos Henrique de. **O movimento punk no Brasil: a construção de uma imagem a partir do olhar da imprensa (1977-1982)**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

WHEELER, Jesse Samba Samuel. **Dark matter towards an architectonics of rock, place, and identity in Brasília's utopian underground**. 411 p. 2007. Tese (Doutorado em Etnomusicologia), University of California, Los Angeles/CA, 2007.

Sobre o autor

Tiago de Jesus Vieira

Docente de História Moderna e Contemporânea da Universidade Estadual de Goiás - Campus Iporá, pertencente ao quadro efetivo de professores. Possui Graduação em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2008), Mestrado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (2012), Doutorado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (2017). Pesquisador do Núcleo de Estudos de Cultura e Identidades (NECI) e do Laboratório de Estudos de Memória Patrimônio e Ensino de História (ETRÚRIA). Tem experiência na área de História e Educação atuando principalmente nos seguintes temas: Identidade, Jogos Eletrônicos, Relações de Poder e Memória.

Artigo Recebido em Junho de 2017.
Artigo aceito para publicação em Julho de 2017.